

## A autobiografia na ficção de Lima Barreto: um recurso estratégico

Zélia R. Nolasco dos Santos Freire

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é o de analisar as referências autobiográficas encontradas em algumas obras do escritor Lima Barreto (1881-1922). Principalmente, através de características que se sobressaem em seus principais protagonistas, sendo eles: Policarpo Quaresma, Isaías Caminha, Gonzaga de Sá e Clara dos Anjos. A importância do escritor há muito foi resgatada dentro da literatura brasileira, porém no seu tempo não foi reconhecido e recebeu críticas severas por sua “falta de estilo”. Com seu estilo leve, fluente, fora dos padrões do final do século XIX, aproxima-se da linguagem jornalística, estilo que se destacou em autores modernistas de 1922. Aliás, Lima Barreto foi reconhecido como precursor do modernismo, exatamente em função de seu estilo despojado que mescla realidade e ficção em sua narrativa. Isso se torna mais perceptível quando se trata da presença do traço autobiográfico, pois suas experiências aparecem projetadas em alguns personagens, principalmente negros e mestiços, que sofrem o preconceito racial.

*Eu quero ser escritor por que quero e estou disposto  
a tomar na vida o lugar que colime. Queimei os meus navios,  
deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras.*  
Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto, escritor, classificado na literatura brasileira como autor pré-modernista, geralmente, vem associado à posição de destaque relativo dentro do período. Assim, parece pairar sobre a figura e a memória do escritor um estigma que lhe ofusca o ímpeto e a validade do exercício renovador que praticara. Tido como figura estranha sofreu toda espécie de preconceito e acumulou entraves e barreiras na construção que o firmasse como um dos mais eminentes autores dos novos tempos que a entrada do século exigia. Nascido no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881, o mestiço de origem humilde Afonso Henriques de Lima Barreto experimenta o preconceito na própria pele. O pai –mulato, quase negro– era filho de escrava com português. Homem esforçado, inteligente e tido como excelente profissional, foi tipógrafo, trabalhou no *Jornal do Comércio* e depois no *A Reforma*. A mãe –Amália Augusto Barreto– era também mulata. Lecionava e dirigia uma escola para meninas na própria residência e muito incentivou o marido para que realizasse o desejo de cursar medicina. Porém, devido às circunstâncias, isto não se tornou possível. Daí o desejo reforçado de que o filho portasse um título de doutor.

O escritor realiza os primeiros estudos no Colégio D. Pedro II e, mais tarde, com a ajuda do padrinho –Visconde de Ouro Preto– pode estudar no Liceu Popular Niteroiense, frequentado pela alta sociedade. Lima Barreto teve pouco contato com o padrinho. Recebeu o nome em homenagem a ele, mas nem por isso os dois teriam um relacionamento agradável. Logo no primeiro contato Lima Barreto sente forte antipatia pelo padrinho e isto o leva a romper definitivamente um relacionamento que mal havia começado.

Segundo Francisco de Assis Barbosa, ocorreu ingratidão ou complexo de inferioridade por parte de Lima Barreto, porém consta também a aspereza e o pouco-caso dispensado ao afilhado. Acredita-se que daí se originou a ideia de criar nos romances a figura de padrinhos simpáticos e

carinhosos. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) criou a figura do padrinho –Policarpo Quaresma– cujo carinho, dedicação e cuidados por Olga – a afilhada – demonstravam os mais sinceros sentimentos. A mesma ocupava “o lugar dos filhos que não tivera nem teria jamais” (Barreto, 1956: 38). No M. J. Gonzaga de Sá (1919), encontra-se Gonzaga investindo na educação do afilhado Aleixo Emanuel – filho de um servente da Secretaria dos Cultos – com carinho e afeto. Atitudes e comportamentos que o Visconde de Ouro Preto não soube ter para com o afilhado, destinando-lhe 10 mil réis, que foi o pagamento como forma de compensação ao desapego emocional. No *Diário Íntimo* (1956) encontra-se vaga referência que demonstra o quanto o escritor sentiu-se ofendido com a atitude do padrinho: “E os 10\$000 do tal Visconde! Idiota. Os protetores são os maiores tiranos” (Barbosa, 1956: 34).

Logo se percebe que a obra do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) faz parte daquelas obras nas quais a linha entre ficção e realidade torna-se tênue e muitas vezes se mesclam, deixando o leitor com a sensação de que o escritor conseguiu de algum modo enclausurar o real em suas páginas. Em se tratando de Lima Barreto, quanto mais acontece o distanciamento temporal entre o momento da escrita e o momento de sua recepção mais nos propicia uma melhor avaliação do período de disputa e enfrentamento pelos quais o escritor passou.

O período durante o qual o escritor escreveu toda sua obra designa-se segundo Alceu Amoroso Lima de *Pré-Modernismo* e compreende o período de 1902 a 1922, ou seja, pode-se acrescentar também que durante esse período Lima Barreto viveu e escreveu toda sua obra. Já que sua estreia na literatura dá-se em 1909 e encerra sua vida literária e pessoal no ano de 1922. Nesse período podemos encontrar dois grupos de escritores: de um lado os que seguiam uma tendência consagrada já pelo público, valorizando a superficialidade temática, a eloquência verbal; do outro, alguns escritores ilhados que, embora não se constituíssem um grupo com propostas definidas, procuravam acima de tudo manter uma abordagem problematizadora da nossa realidade.

“Nasci sem dinheiro, mulato e livre” (Barreto, 1956: 139), essa citação pretende demonstrar a postura direta com a qual Lima Barreto insurge-se contra a literatura bem comportada de seu tempo e apresenta duas posturas em tudo o que escreve. A primeira delas é não fechar os olhos para a realidade, denunciando tudo que considera injusto ou errado. Outra é evitar a linguagem rebuscada e procurar uma forma mais singela que seja coerente com o conteúdo apresentado. Ele deixa bastante claro em toda sua obra que age conscientemente quando não quer imitar o padrão de linguagem que então predominava.

Daí o fato do escritor ter sido relegado pela crítica literária da virada do século XIX, não que sua obra não tivesse valor literário, mas porque se desviou da norma acadêmica aceita pelo sistema estabelecido. Sugiro a quem se interessar sobre uma abordagem mais detalhada da recepção crítica de Lima Barreto que consulte a obra: *Lima Barreto: imagem e linguagem* (2005). Na sequência, Lima Barreto demonstra total aversão aos literatos e à linguagem que era utilizada. É o que veremos na citação que se segue:

Eu não sou literato, detesto toda a paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, os imitar. (...) Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É este o meu propósito, o meu único propósito. (Barreto, 1956: 56)

Liberdade de uma linguagem que –mais próxima do receptor– pode expressar e denunciar questões da realidade nacional pouco visitada: o preconceito racial, a luta pela sobrevivência, a manutenção da vida fora dos eventos sociais. A opção por uma literatura militante, bem que poderia justificar-se em função dos problemas pessoais, mas não. O que se observa é a influência de Taine, Tolstói, Dostoiévski, Guyau e Brunetière. Influências que se traduzem por uma aproximação

mação da arte com a realidade, uma função solidarizante da arte e a concepção de arte engajada. Através dos três principais romances do escritor: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) percebe-se a prática de um projeto literário bem definido. Discordando assim da ideia de que o homem teria prejudicado o escritor. A crítica avaliou que em função do homem sofrido, boêmio e com crises de loucura, o resultado teria sido uma literatura falha, com altos e baixos, enfim, uma literatura menor. Mas, ao contrário. Acredita-se que o escritor só fez a obra que fez, por ter a capacidade de transferir para a ficção os grandes problemas que afligiram a si mesmo e à sociedade. Principalmente, à classe menos privilegiada.

Determinado a conquistar a glória literária, dedicou-se a ela com afinco. Sabia das próprias limitações, e para isso procurou nos grandes escritores, modelos e normas e, mais do que isso, o “segredo de fazer” romance. Obras como *Crime e Castigo* (1886) Dostoiévski, *A Guerra e Paz* (1869) de Tolstói, *Rouge et Noir* (1830) de Stendhal, *Cousine Bette* (1846) de Balzac, *Éducation Sentimentale* (1896) de Flaubert, *Antéchrist* (1878) de Renan. Essas obras e autores aparecem citados e referenciados pelo próprio escritor.

Desta forma, pretendia levar através da literatura a conscientização às camadas inferiores da sociedade, que ousava apresentá-la de forma simples para que o povo a assimilasse. Reafirmando a função social da literatura, voltada para um único objetivo: transformar o homem e a sociedade.

Percebe-se a presença do texto memorialístico e autobiográfico em quase todas as obras do escritor. Porém, dar-se-á ênfase aos romances: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, mais especificamente os seus protagonistas: Isaías Caminha e Policarpo Quaresma, através dos quais é possível perceber a presença da autobiografia.

### **Lima Barreto versus Isaías Caminha**

Esse é o caso, por exemplo, de sua obra de estréia o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) que o autor utiliza durante todo o texto um tom irônico, sarcástico, caricatural, atacando a superficialidade, a ignorância e o oportunismo, tanto quanto a discriminação e o preconceito racial e econômico. Obra na qual o escritor retrata sem meios termos a vida na redação de um jornal e que se resume no seguinte: Isaías Caminha alimenta na infância o sonho de ser um grande homem. Para isso e por isso estuda com afinco, despertando admiração e esperanças em sua professora. Parte para o Rio de Janeiro, decepcionando-se com a grande cidade e a vida que aí encontra. Não retorna ao interior apesar das dificuldades. Luta contra a fome e a discriminação. Sofre muito, mas consegue ocupar o lugar de contínuo em um considerado jornal: *O Globo*. Da redação pode ver e criticar melhor tanto o jornal quanto o mundo fora dele, muitas vezes impulsionado pelas ideias que o periódico espalha, como o caso do motim popular provocados pelos protestos jornalísticos contra o projeto de lei que obrigaria todos a usarem sapatos para circular pelas ruas do Rio de Janeiro.

A sua posição melhora, quando, após o suicídio de um funcionário do jornal, sai à procura do diretor Loberant e o encontra em um prostíbulo, participando de uma orgia. É elevado à condição de repórter, despertando inveja entre os colegas e bajulação entre os que precisam de seus préstimos. Enojado com tudo, sentindo-se alheio a essa vida de falsidades, retira-se da grande cidade, casa-se e leva uma vida simples de escrivão interiorano. Um dia, revoltado com um artigo de revista que coloca os negros e mestiços em condição de inferioridade, resolve escrever um livro que pretende denunciar a discriminação e o preconceito racial.

Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dous anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre um sofá de minha sala humilde, pelo promotor público da comarca. (...) Resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem

perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e no nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins e de tão belos começos. (Barreto, 1956: 40)

Em seu romance de estreia, a aproximação entre os acontecimentos da vida real do escritor e a trajetória do protagonista demonstra um diálogo bastante próximo e intenso. Tanto que na citação acima o criador confunde-se com a criatura. Vejamos o seguinte destaque: “(...) não estava em nós, na nossa carne e no nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava”. Observa-se que o autor se coloca na mesma situação que o protagonista, por outro lado, se não ocorre isso de fato, pelo menos foi implantada a dúvida. No período em que foi publicado, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) não foi bem recebido pela crítica que a analisou sob o prisma do impressionismo e biografismo, na medida em que concebe a obra como reflexo do homem. Medeiros e Albuquerque foi o primeiro a emitir um juízo de valor sobre a obra e disse o seguinte:

– Mau romance – explica – porque é da parte inferior dos *romans à clef*. Mau panfleto, porque não tem a coragem do ataque direto, com os nomes claramente postos e vai até a insinuação a pessoas, que mesmo os panfletários mais virulentos deveriam respeitar. (*Apud* Barbosa, 1975: 179)

A publicação de *Recordações* era assunto das rodas de escritores e jornalistas pelo fato de que eles comentavam entre si a descoberta de uma possível chave para o romance. Além do *Correio da Manhã*, jornal ao qual o escritor faz uma sátira e o retrata sob o nome de *O Globo*, muitos outros personagens são apontados por serem tal e qual pessoas do convívio do escritor naquela época. Foram divulgadas duas chaves, uma por B. Quadros, pseudônimo de Antonio Noronha Santos e outra por Gondin da Fonseca. Fato esse que gerou uma polêmica sem tamanho, relegando o escritor ao “inevitável esquecimento”. Francisco de Assis Barbosa, biógrafo do escritor, conseguiu reunir todas as condições e características para realizar uma grande biografia, isto é, ele se ateu de fato aos documentos encontrados, às anotações, registros, diários e cartas.

O que nos passa uma sensação de que ali se encontram os relatos da vida do escritor tal e qual aconteceu. Lima Barreto sempre viveu à margem da sociedade do seu tempo. Nasceu pobre, mulato e suburbano. Perdeu a mãe aos oito anos. Devido à loucura do pai teve que assumir a família: o pai e seis irmãos, a amante do pai e um preto velho agregado da casa. Em 1903, abandona a Escola Politécnica e foi nomeado para um cargo na Secretaria do Ministério da Guerra. Discriminado pela imprensa e com dificuldades para publicar seus livros, foi atraído pelo alcoolismo. O abuso da bebida marcou dolorosamente seu físico e o levou à loucura. Por duas vezes foi levado ao Hospital Nacional.

### **Lima Barreto versus Policarpo Quaresma**

Ao conhecer essa breve trajetória da biografia do escritor, o leitor ao ter contato com o seu segundo romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* que foi publicado em folhetins, no jornal do Comércio, de 11 de agosto a 19 de outubro de 1911, e em brochura, em 1915, ficará surpreso ao perceber que o protagonista Policarpo Quaresma assume em muitos momentos na narrativa o papel de seu criador. Policarpo Quaresma, o protagonista da história é um indivíduo metódico e vive no isolamento. É patriota fanático. Seu nacionalismo é ufanista e xenófobo. Só vê qualidades em sua pátria, criticando e detestando tudo que é estrangeiro. Acaba transformando-se numa sátira ao nacionalismo ingênuo e exagerado. Guarda certa semelhança com D. Quixote, criação

de Miguel de Cervantes, principalmente por não conseguir enxergar a realidade dura da vida e também por suas atitudes ridículas e patéticas. Enfim, como Quixote, Quaresma é um sonhador e foi morto pela mesma Pátria que a vida inteira ele defendeu. Encontra-se também no romance, uma crítica à discriminação social e ao oportunismo, a necessidade de se conseguir padrinho ou pistolão para se conseguir emprego. É possível perceber também o choque entre o real e o ideal, mostrando como sofre quem vive imerso no mundo dos sonhos e da fantasia. E, entre o cidadão digno, íntegro e a decadência e corrupção geral que predomina na época do relato, isto é, no período da primeira república.

Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto utiliza-se do mesmo procedimento literário usado no romance *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*. Já que o escritor, na maioria das vezes, constrói suas personagens inspiradas em personagens reais, tipos ilustres, políticos, figuras populares conformadas do ambiente urbano, de acentuada característica local. Outra característica que o escritor transpõe de seu mundo real para o personagem Policarpo Quaresma, é a aversão que ambos revelam pelo serviço burocrático da Secretaria da Guerra. Tal qual Lima Barreto, Policarpo Quaresma também irá revelar profundamente todo o seu descontentamento e desencontro entre o trabalho que gostaria e o trabalho que era obrigado a fazer. De início, o escritor parecia feliz com a rotina burocrática, porém, passado algum tempo, em 1905, percebe o quanto a função na Secretaria o entediava, conforme se pode observar no trecho em destaque: “vim para minha desgraça à secretaria e de tal forma trabalhei nesse dia, que resolvi não vir no dia seguinte, em que fui à Biblioteca Nacional tomar notas para o meu romance”. (Barreto, 1956: 90)

Encontram-se ainda no *Diário íntimo* (1956), as seguintes palavras: “Estou na secretaria a aborrecer-me com os decretos; levemos a cruz ao calvário, por amor ao meu pai” (Barreto, 1956: 96). Evidencia-se o sofrimento de Lima Barreto que, além de exercer a função de amanuense da Secretaria da Guerra, precisa de alguma outra atividade que complemente os rendimentos. Em virtude disso ministra aulas particulares em casa e faz novas tentativas para ingressar no jornalismo profissional.

O protagonista Policarpo Quaresma, desse modo, retrata a imagem de um patriota sonhador, um Dom Quixote nacional, um homem disciplinado e obsessivamente nacionalista e propositalmente construído por Lima Barreto para desmascarar o nacionalismo vigente. Conforme o crítico Cavalcante Proença, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* opõe-se à bíblia ufanista de Afonso Celso, que, em 1901, ainda exaltava à moda de Caminha, as belezas e grandezas da Pátria e o caráter do povo brasileiro.

Por outro lado, o escritor, pouco compreendido pelos meios literários da época, pintou uma sociedade em fase de transição, marcada por contrastes que mostravam o Rio de Janeiro daquele período. Desse modo, percebe-se o quanto o escritor sobressai-se pela ousada postura crítica e também pelo modo como rompe com a tradição do emprego modular de uma linguagem acadêmica, estetizante, falseadora que não representava os anseios que os novos tempos exigiam e que continuam a exigir: uma maior aproximação do texto literário por um maior número de leitores, além de abrir um caminho mais democrático na convivência entre a literatura e a sociedade.

## Bibliografia

- Barbosa, F. de Assis. 1975. *A vida de Lima Barreto* (1881-1922). 5. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio/Brasília, INL.
- Barreto, L. 1956. *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*. São Paulo, Brasiliense.
- , 1956. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Brasiliense.

-----, 1956. *Diário Íntimo*. São Paulo, Brasiliense.

Nolasco-Freire, Z. 2005. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo, Annablume.

## CV

ZÉLIA R. NOLASCO DOS S. FREIRE É DOUTORADO EM LETRAS – UNESP- ASSIS/SP (2009). MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA E LITERATURA COMPARADA – UNESP – ASSIS/SP (2005). PROFESSORA DOS CURSOS DE LETRAS PORT/ESP/ ING DA UEMS DESDE 2001. PROFESSORA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS. CHEFE DA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (DEPT). MEMBRO PARECERISTA DA EDITORA DA UFGD. POSSUI PROJETO DE PESQUISA E DE EXTENSÃO EM DESENVOLVIMENT. POSSUI LIVROS PUBLICADOS E VÁRIOS ARTIGOS CIENTÍFICOS EM REVISTAS ESPECIALIZADAS. ESCREVE SEMANALMENTE NO JORNAL O PROGRESSO/DOURADOS/MS.